

EDUCAÇÃO E TEORIA *QUEER*: contestando os efeitos naturalizados do instituído

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013, 96 p.

Dilton Ribeiro Couto Junior^(*)

Licenciada em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Mestre em Educação pela mesma instituição e Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Guacira Lopes Louro foi fundadora do Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero (GEERGE) na década de 1990. Pesquisadora do campo de estudos de gênero e sexualidade em articulação com o campo da educação, Louro apresenta uma trajetória de pesquisa que inclui a publicação de inúmeros livros, artigos e capítulos, bem como a orientação de dissertações e teses sobre o tema. Atualmente, Louro é Professora Titular aposentada da UFRGS.

A obra “Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*” está organizada em quatro capítulos que apresentam rastros da teoria *queer*. Escritos em períodos distintos, os capítulos não têm o objetivo de explicitar ou descrever a referida teoria, conforme a autora enfatiza na introdução, mas questionar a consagrada sequência sexo-gênero-sexualidade. A sequência é pautada por uma norma que se orienta pela seguinte lógica unidirecional: o corpo (macho ou fêmea) determina o gênero (masculino ou feminino) e induz a forma de desejo. Na tentativa de reconfigurar essa lógica, Louro convida os leitores a refletir sobre questões que merecem atenção de professores e pesquisadores interessados em compreender outras formas de ser e estar no mundo, na esperança de destituir “certezas, cânones e convenções culturais” (p. 24). Para isso, a autora se inspira nos princípios da teoria *queer*, que prima pela subversão e parte de um estranhamento que contesta a própria ideia de “normalidade”, discutindo a necessidade de problematizar as diferentes instâncias sociais e culturais, responsáveis pela manutenção de normas que regulam os gêneros e as sexualidades. Os estudos *queer* surgiram do encontro entre os Estudos Culturais norte-americanos e a corrente pós-estruturalista da filosofia, buscando muito de seus subsídios teóricos em obras de Michel Foucault e Jacques Derrida¹.

^(*)Doutorando do Programa de Pós-Graduação em educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ). Bolsista CAPES. E-mail: junnior_2003@yahoo.com.br.

¹ MISKOLCI, Richard. A teoria *queer* e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 11, n. 21, p. 150-182, jan./jun. 2009. Para maiores informações sobre a teoria *queer* e suas implicações no campo das ciências sociais, leia o artigo de Richard Miskolci, “Não ao sexo rei: da estética da

No primeiro capítulo, intitulado “Viajantes pós-modernos”, Louro se inspira nos *road movies* para pensar sobre a ideia da viagem e promover sua argumentação sobre o sujeito na contemporaneidade. Para a autora, o sujeito está em constante deslocamento, desenraizamento, formação e transformação, o que supera qualquer tentativa de enquadrá-lo dentro de uma perspectiva de desenvolvimento linear e progressivo. Isso se torna bastante visível nos *road movies* apresentados por Louro, com personagens buscando objetivos constantemente adiados, forçando-os a encontrar outras alternativas e formas de superar os obstáculos e os conflitos que lhes são apresentados.

Além disso, Louro traz um olhar interessante sobre a figura irreverente da *drag queen*², que desestabiliza o olhar normativo, transgredindo e proliferando as múltiplas formas de experimentar os gêneros. Desconforto, curiosidade e fascínio são algumas das qualidades utilizadas por Louro para descrever a *drag queen*, emblemática na pós-modernidade. A *drag* assume um lugar transitório de ser e viver, confundindo e tumultuando a “imitação” do feminino, tornando evidente o caráter instável de todas as identidades. A partir da figura da *drag queen*, a autora tece inúmeras reflexões por meio das seguintes perguntas: “Como fabrica seu corpo? Onde busca as referências para seus gestos, seu modo de ser e de estar? A quem imita? Que princípios ou normas ‘cita’ e repete? Onde os aprendeu? A *drag* escancara a construtividade dos gêneros” (p. 21, grifo da autora). Sem a pretensão de buscar respostas às questões promovidas, Louro tem a intenção de provocar percepções que sejam desestabilizadoras de certezas previamente concebidas e naturalizadas.

No capítulo seguinte, “Uma política pós-identitária para a Educação”, a ênfase da discussão enfoca o desafio, para a educação, em romper com esquemas binários (masculino/feminino, homem/mulher, heterossexual/homossexual) de compreensão dos gêneros, das sexualidades e dos corpos. Para compreender o processo de construção da política de identidade, Louro traça um breve panorama histórico para elucidar que a homossexualidade e o sujeito homossexual são invenções do século XIX. Buscando apoio teórico, principalmente, em Michel Foucault e Judith Butler, Louro defende a perspectiva da teoria *queer*, que opõe-se

existência foucaultiana à política *queer*”, publicado na obra “Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito”, organizada por Luiz Antônio Francisco de Souza, Thiago Teixeira Sabatine e Boris Ribeiro de Magalhães. A obra foi publicada em 2011 pela Editora Cultura Acadêmica. Além disso, veja o texto “Multidões *queer*: notas para uma política dos ‘anormais’”, de autoria de Beatriz Preciado, publicado em 2011 no periódico *Estudos Feministas*. Sobre a intersecção da teoria *queer* ao campo da educação, confira o livro “Teoria *queer*: um aprendizado pelas diferenças”, escrito por Richard Miskolci e publicado em 2012 pela Editora Autêntica.

² Para outras reflexões sobre a figura da *drag queen*, leia o artigo de Judith Butler, “Critically *queer*”, publicado em 1993 no *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies*. Além disso, veja a obra “Judith Butler e a teoria *queer*”, de autoria de Sara Salih. A obra foi traduzida no Brasil por Guacira Lopes Louro e publicada em 2013 pela Editora Autêntica.

à heteronormatividade compulsória da sociedade. De acordo com Louro, a teoria *queer* busca ações transgressivas, subversivas e provocadoras ao propor o questionamento, a desnaturalização e a incerteza como estratégias para desconstruir a normalização e a naturalização da heterossexualidade como a única forma legítima de viver e experimentar os prazeres corporais.

Mais uma vez Louro adota o uso de perguntas para provocar reflexões em seus leitores, preocupando-se em buscar caminhos para articular a teoria *queer* ao campo da educação: “Como uma teoria não propositiva pode ‘falar’ a um campo que vive de projetos e de programas, de intenções, objetivos e planos de ação? [...] Como traduzir a teoria *queer* para a prática pedagógica?” (p. 48). Para a autora, uma pedagogia ou um currículo *queer* requer o questionamento e a desnaturalização como estratégias para romper com as certezas, buscando a incerteza a partir de outras perspectivas. Neste contexto, Louro não pretende atingir ou se aproximar de um modelo ideal de educação, mas de provocar a desnaturalização dos esquemas binários de compreensão dos gêneros, das sexualidades e dos corpos, contribuindo para que seja possível repensar a dimensão da existência humana. Qualificando a teoria *queer* como perturbadora, estranha e fascinante ao mesmo tempo, Louro finaliza o segundo capítulo apontando o quanto esta teoria “também faz pensar” (p. 54).

“Estranhar’ o currículo” é o terceiro capítulo da obra. Nele, a autora inicia o texto narrando um pouco de sua história e os motivos que a levaram a pesquisar no campo de estudos de gênero e sexualidade. Preocupada como muitos educadores compreendem as homossexualidades, ainda dentro de uma ótica de “correção” do sujeito, Louro se lança no desafio de ampliar a compreensão sobre os prazeres e desejos corporais, desnaturalizando a ideia de que os relacionamentos amorosos não necessariamente precisariam ser apenas entre homens e mulheres. Novamente ela se remete ao pós-estruturalismo, explicitando que muitos teóricos e pesquisadores se apropriam da teoria *queer* fundamentando-se nos trabalhos de pensadores como Jacques Derrida, Michel Foucault e Jacques Lacan. A vertente pós-estruturalista rejeita os binarismos (masculino/feminino; heterossexual/homossexual; branco/negro etc), focaliza a indeterminação e a incerteza nas questões de conhecimento e compreende que o sujeito é uma invenção social, cultural e histórica³.

Na tentativa de propor o “estranhamento” do currículo, Louro busca compreender os diferentes significados do termo *queer*. No contexto anglo-saxão, ela mostra que o termo

³ SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

apresenta um sentido pejorativo destinado a todos os sujeitos que fogem à ótica hegemônica da heterossexualidade⁴. O outro sentido do termo, traduzido para a língua portuguesa, corresponde a “estranho”, “esquisito”, dentre outros sinônimos possíveis. Dessa forma, a autora encontra na palavra *queer* o sentido de “estranhar”, de ir contra o “normal”, refletindo, ainda que brevemente, sobre como a teoria *queer* poderia auxiliar na discussão sobre as questões de currículo. Louro elenca alguns pontos considerados importantes por ela quando se pretende “estranhar” o currículo⁵: “desconfiar do que está posto e olhar de mau jeito o que está posto; colocar em situação embaraçosa o que há de estável naquele ‘corpo de conhecimentos’; enfim, fazer uma espécie de enfrentamento das condições em que se dá o conhecimento” (p. 67). Um dos grandes desafios em pensar o currículo a partir da teoria *queer* dá-se pelo fato de que o campo da educação ainda trabalha com um de seus binarismos fundantes e que é severamente criticado pela perspectiva *queer*: a oposição entre conhecimento e ignorância. Para explicar isso, Louro se baseia na feminista Eve Sedgwick e afirma que a ignorância não é a “falta de”, mas é uma valiosa forma de conhecimento. Ela ressalta ainda que é possível aprender com a ignorância, tão repudiada pela educação. As reflexões da autora mostram-se imprescindíveis como tentativa de res-significar o entendimento sobre a ignorância e o conhecimento nas questões de currículo.

No quarto e último capítulo, “Marcas do corpo, marcas de poder”, a autora apresenta uma discussão importante para o debate sobre gênero e sexualidade porque diz respeito às formas com as quais os sujeitos são “indiciados, classificados, ordenados, hierarquizados e definidos pela aparência de seus corpos; a partir dos padrões e referências, das normas, valores e ideais da cultura” (p. 77). Os incontáveis atributos dados aos corpos produzem diferentes sentidos culturais, como a cor da pele, o formato dos olhos, a presença da vagina ou do pênis, dentre outros. Louro nos convida a pensar sobre as marcas sociais e culturais carregadas pelos corpos e que se constituem em marcas de poder. De acordo com ela, busca-se de toda forma identificar, disciplinar e classificar a sexualidade a partir de discursos carregadores da autoridade da ciência, da igreja, da lei e da moral.

Louro retoma a discussão sobre a ideia de que o corpo determina o gênero e induz a forma de desejo para mostrar que as relações de poder estabelecem normas que reforçam e

⁴ Sobre a resignificação do termo *queer*, por militantes e estudiosos, no contexto anglo-saxão, veja o texto “Foucault e os estudos *queer*”, de Guacira Lopes Louro. O texto encontra-se publicado na obra “Para uma vida não-fascista”, organizada por Margareth Rago e Alfredo Veiga-Neto, publicada em 2009 pela Editora Autêntica.

⁵ Para maiores reflexões sobre a relação entre currículo e teoria *queer*, confira a obra de Tomaz Tadeu da Silva, intitulada “Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo”, com a primeira versão publicada em 1999 pela Editora Autêntica. O autor dedica uma sessão do livro, ainda que breve, para articular a teoria *queer* às teorias do currículo, fomentando discussões importantes ao campo educacional.

garantem um pensamento em sintonia com o modelo hegemônico da heterossexualidade. Os tantos olhares negativos atribuídos às sexualidades que desviam da matriz heterossexual situam-se dentro de uma perspectiva de “correção” e de “domesticação” do sujeito. Múltiplas instâncias sociais como as escolas, as famílias, as igrejas e os meios midiáticos, dentre outros citados por ela, reafirmam normas que buscam regular os gêneros e as sexualidades. Ainda que as relações de poder privilegiem determinadas condutas sociais esperadas para cada um dos gêneros, elas também podem ser transformadas e subvertidas porque são nomeadas no contexto da cultura.

“Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*” é uma obra recomendada para aqueles que procuram uma melhor compreensão de uma perspectiva teórica pouco conhecida no Brasil, a teoria *queer*. Ainda que brevemente, Guacira Lopes Louro nos apresenta com reflexões preciosas ao campo da educação, buscando inspiração na referida teoria para ressignificar formas cristalizadas e “naturalizadas” de conceber os corpos, os gêneros e as sexualidades, culturalmente produzidos sob os princípios da ótica hegemônica da heterossexualidade. Além disso, ela propõe uma política “pós-identitária” como estratégia de subverter o caráter fixo e estável das identidades, rompendo com convenções culturais que privilegiam determinadas formas de ser e estar no mundo. Louro deixa claro na introdução de sua obra que, “por vezes, há questões que se repetem, temas ou figuras que são retomadas, porque elas voltam a me provocar, porque parecia haver mais alguma coisa a ‘dizer’ a seu respeito ou, simplesmente, porque elas ainda pareciam boas para pensar” (p. 8). Se as questões se repetem é porque, a meu ver, elas precisam ser retomadas para fomentar novas reflexões que se atentem para a desnaturalização da heterossexualidade. Louro não fornece respostas para as questões elencadas, mas apresenta caminhos interessantes a partir da teoria *queer*, que abala, provoca e fascina o ato de pensar porque estranha as “normas” e contesta os efeitos naturalizados do instituído.